

LOURINHÃ

IGESPAR PODE VIR A MOVER ACÇÃO JUDICIAL CONTRA EMPREITEIRO POR ESTE NÃO PARAR A OBRA

Potenciais achados arqueológicos destruídos

FLÁVIA CALÇADA

flavia.calçada@frenteoste.com

Um poço, que os arqueólogos do Museu da Lourinhã suspeitam ser do século XVI ou XVII, foi na semana passada destruído num terreno privado por uma empresa de construção, durante as obras de fundação de um edifício que aí vai ser erguido.

"Pelas fotografias que vi, parecia-me ser uma estrutura do século XVI ou XVII devido à tipologia da própria construção", disse ao FrenteOeste o arqueólogo Mário Varela Gomes, da Universidade Nova de Lisboa e colaborador do Museu da Lourinhã, criticando a postura do construtor em querer construir e devastar "o património que é de todos".

Técnicos do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR), antigo IP-PAR, deslocaram-se ao local na quinta-feira, dia 5, a pedido do Museu da Lourinhã que tentou por todos os meios, mas sem êxito,



ARQUEOLOGIA: Especialistas pensam ser um poço do séc. XVI ou XVII

parar a obra.

Sandra Lourenço, arqueóloga da Divisão de Arqueologia Preventiva e de Acompanhamento do IGESPAR, adiantou que vai analisar melhor as fotografias tiradas no local. Se se concluir que a descoberta teria valor arqueológico,

"irá pedir o apuramento de responsabilidades" junto do construtor, não afastando a hipótese de obrigar a câmara a embargar a obra ou mover uma acção judicial contra a empresa.

Para, Mário Varela Gomes, não se trata de "uma estru-

tura rara", mas uma escavação no local podia ser "interessante para escavar outros objectos que aí caem", como cântaros em cerâmica, moedas ou até esqueletos, lembrando as descobertas efectuadas há de cinco anos em Torres Vedras.

Isabel e Horácio Mateus, colaboradores do Museu da Lourinhã, foram os primeiros a despertar para o interesse histórico do poço. "Era uma estrutura bastante grande, com uma cobertura em ogiva, com tijolo de burro e várias bocas de fornecimento de água. Pelo menos da Idade Média para a frente seria", realça Isabel Mateus. Poços com cúpulas, segundo o especialista, são "mais comuns na Estremadura", dada a influência islâmica.

Horácio Mateus sustenta-se na lenda do Convento de Santo António, segundo a qual existiriam sete poços à sua frente, e recorda que foi por aquela altura que as populações começaram a construir na baixa da vila (após o assoreamento do mar), erguendo poços para tirar partido de um importante lençol freático que ainda hoje existe e regar as culturas agrícolas.

O empreiteiro e dono da obra, Armando Matias, recusou-se a prestar esclarecimentos, ressaltando apenas que dispõe de licença de construção.

TORRES VEDRAS

CERCA DE 200 ALUNOS PARTICIPAM NA RECOLHA DE LIXO NAS PRAIAS AZUL E SANTA RITA

Costa mais limpa

MARINA TOVAR REI

geral@frenteoste.com

"As pessoas não deviam deitar lixo nas praias, porque polui o ambiente e pode causar muitos danos", foram as palavras de Nuno Castro, aluno do 7º ano que andava pela Praia Azul (Santa Cruz) a recolher lixo no âmbito da iniciativa "Costa Viva", que decorreu no dia 5 de Junho durante toda a manhã, integrada na semana do ambiente.

Eram cerca de 200 alunos das escolas do Maxial, Padre Francisco Soares e do Externato de Penafirme, que estavam nas praias de Santa Rita e na Praia Azul a recolher lixo. Nessas buscas os alunos encontraram cerca de 800 quilos de resíduos, "menos que o ano

passado que registou mais de uma tonelada", informou Carlos Bernardes, vereador com o pelouro do ambiente, "o que reflecte uma maior sensibilização das pessoas por estas questões ambientais". Esperando que "daqui a dois ou três anos estes 800 quilos se possam traduzir em meia dúzia de quilos".

Entre o lixo recolhido registou-se: um monitor de um computador, um motor de uma máquina (que os alunos não souberam distinguir), latas, vidros, plásticos, lenços de papel, "que ainda por cima não são recicláveis", desabafou uma professora, cartão e bocados de madeira.

Para o vereador é "inadmissível que este género de coisas ainda apareçam nas praias", pois "a câmara possui o serviço de recolha



LIXO: Alunos recolhem 800 quilos de resíduos

de monstros e de monos, em que basta telefonar para a Câmara Municipal de Torres Vedras para vir recolher esses materiais, sendo este serviço gratuito", ou

mesmo "colocar esses aparelhos junto aos eco-pon-tos".

Para as professoras esta iniciativa - "Costa Viva" - contribui para que os alu-

nos fiquem "mais sensibilizados e possam ter comportamentos que visem preservar o meio ambiente e manter o espaço, que eles tanto gostam, mais limpo". Na escola, referiram as professoras, "tentamos com que as crianças separem o lixo e o coloquem nos contentores correctos. Esta iniciativa revela-se como sendo uma actividade de lazer aliada a esta preocupação ambiental".

Bernardo Aniceto, aluno do 7º ano que participou nesta actividade, alerta as pessoas "para terem mais cuidado e para que não deitem lixo nas praias".

"Costa Viva" foi uma acção de limpeza das praias Azul e Santa Rita, promovida pela Câmara em parceria com o Espelelo Clube de Torres Vedras.